

SONHAR COM A SORBONNE? VOCÊ VEIO DO VALE DO IPÊ! A cor da Baixada Fluminense

Ana Sarah Cardoso Teixeira - Ndandá Kialunda¹
Geisa Ferreira²

Resumo

Este artigo discute a relação entre o recorte racial que abarca o processo de formação da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro e a construção do pensamento comum de que pessoas oriundas das periferias estão sentenciadas geograficamente a espaços destinados à lonjura e pobreza. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, tendo como procedimento técnico o levantamento bibliográfico e está delineada na metodologia afetiva e na escrivência, uma vez que parte da experiência vivida no seio da comunidade familiar e territorial de uma das autoras. De acordo com as análises realizadas é possível considerar a existência de um projeto de sociedade articulado pelas elites e agentes públicos (litoral - formado por pessoas brancas), com base na distribuição socioespacial, que inviabiliza a população periférica (“sertão distante” - formado por uma população de cor), sobretudo jovem, desde muito cedo de ousar sonhar. Em razão disto, pretende-se contribuir com o amplo debate acerca do direito à cidade enquanto instrumento de transformação da realidade social e empoderamento da juventude negra e periférica.

Palavras-chave: Educação; Racismo; Periferia; Baixada Fluminense.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade do Norte Paraná. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ). Participa do Grupo de Pesquisa Conversas entre Professorxs: Alteridades e Singularidades (ConPAS) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora na Educação Infantil na Jangada Escola. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8219-5849>. E-mail: sarahcardoso.unirio@gmail.com.

² Pedagoga e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO. Especialista em Corpo, Diferença e Educação pela Faculdade Angel Vianna. Educadora e uma das idealizadoras do Coletivo de educação Casa Escola. Compõe a equipe de coordenação pedagógica da escola Jangada. Realiza oficinas e rodas de conversas na temática das relações étnico-raciais onde aborda: a aplicação da lei 10639/03; a importância das epistemologias negras nas diversas áreas do conhecimento; o estudo e construção de práticas educativas inspiradas nos valores civilizatórios afro-brasileiros (de Azoilda Loretto da Trindade). Participa do grupo de estudos e pesquisas DEGENERA (Desconstrução de Gêneros) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6561-3946>. E-mail: geisafferreira@yahoo.com.br.

DREAM ABOUT SORBONNE? YOU CAME FROM VALE DO IPÊ! Color in Baixada Fluminense

Abstract

This article discusses the relationship between the racial aspect that encompasses an education project based on color in the process of formation of the Baixada Fluminense in Rio de Janeiro and the construction of the common thought that people from the periphery are sentenced geographically in spaces destined to the distance and poverty. This is a research with a qualitative approach, having as methodological instrument the bibliographic survey and is outlined in the affective methodology and in *escrevivência*, since it starts from the experience lived within the family and territorial community of one of the authors. According to the analyzes carried out, it is possible to consider the existence of a project of society articulated by the elites and public agents (coast - formed by white people), based on the elites and public agents (coast - the peripheral population unfeasible (“distant hinterland” - formed by a population of color), especially young people, daring to dream from an early age. For this reason, it is intended to contribute to the broad debate about the right to the city as an instrumental for transforming social reality and empowering black and peripheral youth.

Keywords: Education; Racism; Periphery; Baixada Fluminense.

“¿SUEÑO DE LA SORBONA? ¿VINISTE DEL VALE DO IPÊ!”: El color de Baixada Fluminense

Resumen

Este artículo discute la relación entre el perfil racial que engloba el proceso de formación de la Baixada Fluminense de Rio de Janeiro y la construcción del pensamiento común de que las personas de las periferias están geográficamente condenadas a espacios destinados a la lejanía y la pobreza. Es una investigación con enfoque cualitativo, teniendo como procedimiento técnico el levantamiento bibliográfico y se perfila en la metodología afectiva y por escrito, ya que parte de la experiencia vivida en el seno de la comunidad familiar y territorial de una de las autoras. De acuerdo con los análisis realizados, es posible considerar la existencia de un proyecto de sociedad articulado por las élites y agentes públicos (costa - formado por gente blanca)

basado en la distribución socio-espacial, que hace inviable la población periférica (“tierra interior distante” - formada por una población de color), especialmente jóvenes, que se atreven a soñar desde una edad temprana. Por ello, se pretende contribuir al amplio debate sobre el derecho a la ciudad como instrumento para transformar la realidad social y empoderar a la juventud negra y periférica.

Palabras clave: Educación; Recorte Racial; Periferia; Baixada Fluminense.

INTRODUÇÃO

A ideia de lugar - ao qual pertencemos - é um assunto recorrente para muitos de nós. (hooks, 2022, p. 21)

Revisitar minhas memórias afetivas é retornar para um lugar: o Vale do Ipê. A escrita deste artigo tem como base a relação íntima com este território periférico, situado em Belford Roxo, na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, que me abrigou e constituiu.

O interesse pelo tema deste artigo parte de um diálogo familiar em que minha irmã caçula, ao expressar o desejo de cursar a graduação na Sorbonne (Paris), tem seu lugar de origem (Vale do Ipê) colocado como um fator de impedimento.

Logo, fundamenta-se na percepção de que pessoas oriundas de periferias estão sentenciadas geograficamente a ocupar espaços destinados à lonjura e pobreza, sendo assim, marcadas pela impossibilidade de sonhar perceberem-se fora da circunferência geográfica que lhes foi designada.

Pretende-se discutir, portanto, a relação entre tal percepção e o recorte racial que abrange o processo de formação da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro.

O Vale do Ipê está localizado no município de Belford Roxo, na periferia metropolitana do estado do Rio de Janeiro. É caracterizado como cidade dormitório, com baixos índices de desenvolvimento socioeconômico (ALMEIDA, 2018). Atualmente existe nesta região a disputa de território entre o tráfico e

a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). O bairro é marcado pela falta de pavimentação, enchentes e sistema de transporte precário.

Nesse direcionamento será explorado de que forma o racismo está atrelado ao processo de formação da Baixada Fluminense e com as dificuldades cotidianamente enfrentadas por esta população, no contexto das periferias, impactando o direito de sonhar e criar projeções para o futuro - sobretudo da população jovem e preta.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLOGIA

A pesquisa realizada caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, pois trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, valores e das atitudes (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2002). Quanto aos procedimentos técnicos, utilizei a pesquisa bibliográfica desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 2002).

Para a coleta de dados busquei no Google pelas palavras-chave: Vale do Ipê, Belford Roxo e Baixada Fluminense, que me direcionaram para a dissertação de Alessandra Aparecida Almeida (2018), intitulada: “Belford Roxo: Perspectivas e limites do desenvolvimento econômico de uma periferia metropolitana”. Em seguida foi feito levantamento bibliográfico de forma a organizar um diálogo entre demais autores que se debruçaram anteriormente a tecer pesquisas sobre a construção historiográfica da Baixada Fluminense, sobretudo sobre a formação da população deste território.

A pesquisa encontra-se fundamentada na Metodologia Afetiva (QUEIROZ, 2022) e na Escrivivência (EVARISTO, 1996). A escolha por tais caminhos metodológicos se deu em razão da escrita partir da experiência vivida no seio da comunidade familiar e da vivência territorial de uma das autoras e permite refletir sobre um pensamento comum em nossa sociedade.

A escrita, pautada por uma metodologia afetiva, está intimamente conduzida “pelos afetos que passam pelo corpo buscando as perguntas que

ninguém faz, as pegadas que foram invisibilizadas e as falas de quem foi silenciado” (QUEIROZ, 2022, p. 515).

Mas, o que são os afetos? A autora nos diz:

Os afetos são a energia movente da e na vida. Outro sentido que essa palavra traz é o de abordar as pessoas negras pelo afeto, saindo do ‘lugar comum’ onde costumam estar associadas à ‘pobreza’, à ‘morte’, à ‘criminalidade’ (QUEIROZ, 2022, p. 511).

Embora a academia tenha como parâmetro de produção de conhecimento a escrita afastada das experiências pessoais e da fala em primeira pessoa, a escrevivência, conceito cunhado por Conceição Evaristo (1996), constitui-se em “uma escrita que se mescla com a sua vivência, com o relato das suas memórias e das de seu povo” (REMENCHE; SIPPEL, 2019, p. 44).

De acordo com Evaristo (2021), ao observar do ponto de vista dos mitos afro-brasileiros, através do reflexo do espelho de lemanjá não se pode pensar a escrevivência enquanto a escrita da história de um sujeito, mas a história de uma coletividade. Apesar de se caracterizar por uma escrita individual, diferente de um imaginário simplório que aglutina “escrita” e “vivência”, o conceito não se trata de uma escrita egóica, narcísica ou apenas de si, mas compreende experiências que atravessam os corpos de mulheres negras na sociedade brasileira.

Assim a escolha por uma escrita que retrata minha intimidade com o objeto de análise, conferindo um movimento de agência sobre minha própria elaboração, configura-se em uma escrita transgressora e insubordinada, como a autora expõe:

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. (EVARISTO, 2007, p. 2)

O escopo do artigo está dividido em três momentos: primeiramente trato sobre os possíveis significados de sonhar, abordando sua definição literal e recorro a Conceição Evaristo (2016, 2020) para pontuar as múltiplas nuances que abarcam a relação da população negra com o ato de sonhar. É neste tópico que apresento a cena-diálogo que se desdobra na escrita deste artigo.

No segundo momento discorro acerca da relação do sujeito com o território enquanto marcador de identidade. Trago a contribuição de bell hooks (2022), que vincula a ideia de pertencimento a um lugar a uma dimensão de cura. Com o apoio de Samara Santana Silva (2018), trago à memória o processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro para colocar em evidência o binômio centro-periferia e o conceito de território apontado por Diego Elias Santana Duarte (2013).

O terceiro momento está subdividido em duas seções. Primeiro teço a escrevivência das minhas memórias em relação ao território. Em seguida, destaco Alessandra Almeida (2018), que resgata a história de formação da cidade de Belford Roxo e faz apontamentos sobre as dificuldades enfrentadas por sua população e Nielson Bezerra (2012), que traz visibilidade para a população de cor no processo de construção historiográfica da Baixada Fluminense, cujo título do presente texto faz menção.

A QUEM É DADO O DIREITO DE SONHAR?

*Os sonhos foram banhados
nas águas da miséria
e derreteram-se.*

*Os sonhos foram moldados
a ferro e a fogo
e tomaram a forma do nada.*

Os sonhos foram e foram.

*Mas crianças com bocas de fome
ávidas, ressuscitaram a vida
brincando anzóis nas correntezas
profundas.*

*E os sonhos, submersos e disformes
avolumaram-se engrandecidos
anelando-se uns aos outros
pulsaram como sangue-raiz
nas veias ressecadas
de um novo mundo.
(EVARISTO, 1990, p. 31)*

Estávamos todos no carro quando Anara, minha irmã caçula, ousou verbalizar com vivacidade:

- Eu vou estudar na Sorbonne! É lá que eu vou fazer a graduação!

Essa exclamação carrega em si uma compreensão que há algo importante para ser concretizado, anuncia um projeto, um desejo de desbravar o conhecimento em espaços reconhecidos mundialmente e ao mesmo tempo o contexto que essa frase foi enunciada mostra vulnerabilidade e desconfiança de que isso não pode ser concretizado, em decorrência da resposta de nosso irmão, que deu título ao presente artigo, mas a despeito disso tudo ela foi pronunciada e reverbera.

Com certo nível de elaboração política, os desdobramentos e reflexões dessa cena me fizeram entender que não nos foi permitido sonhar. Quem pode sonhar? A quem é dado esse direito? Tirar os pés do chão e levar onde a cabeça almeja é privilégio, logo, sonhar consiste em um movimento de demasiada ousadia para pessoas periféricas, mais ainda quando atrelado às questões de cor.

Mas o que é sonhar? O que essa palavra nos diz? Sonhar pode ser definido enquanto o ato de “fantasiar; devanear” (SONHAR, 2023) ao passo que sonho pode ser indicado como “utopia; imaginação sem fundamento; fantasia; devaneio; ilusão; felicidade; que dura pouco; esperanças vãs; ideias quiméricas” (SONHO, 2023). A meu ver, esse tem sido um contexto recorrentemente associado às pessoas negras e seus sonhos.

Por outro lado, na vivência dessas pessoas, o significado de sonhar evoca o ato de questionar o que está dado como imutável, transgredir um padrão esperado, ressignificar certos modelos, alavancar novas performances. Isto porque a realidade das pessoas negras traz a necessidade de olhar para o que está perto. É preciso ter prontidão para lidar com as restrições e desigualdades cotidianas e assim o tempo para projeções e sonhos fica em segundo plano.

Exemplo disso nos dá Conceição Evaristo, ao abordar as dores vivenciadas pelas pessoas negras que estão constantemente pautadas pelas emergências da sobrevivência sendo esses, muitas vezes os sonhos mais comuns, restando poucos anseios. Ela diz:

Eu havia nascido em algum lugar perdido no interior de Minas [...] Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. (EVARISTO, 2016, p. 22-24)

- Você vai estudar na Sorbonne? Você veio do Vale do Ipê!

Essa foi a resposta que passou pela cabeça de nosso irmão mais velho e que justamente expressa um pensamento comum: a periferia não pode se atrever sair da circunferência que lhe cabe. Afinal quem sabe onde é o Vale do Ipê? Quem vive lá? O que fazem? Mas a Sorbonne muita gente reconhece.

Ele fez muxoxo³ com algo sobre ela ser sonhadora, como nosso pai que sonhou em ser o próprio patrão, mas não teve o sucesso que almejava e a comparação foi na verdade uma sentença de fracasso atrelada e justificada pela história da nossa família e pelo nosso lugar de pertencimento.

A este respeito, Diego Elias Santana Duarte (2013, p. 56) nos aponta, a partir da ótica “da formação da subjetividade do jovem, tanto do bairro onde mora, quanto da perspectiva da cidade a partir de seu cotidiano”, que é

³ Estalo que se dá com a língua e os lábios, à semelhança de um beijo, para mostrar desdém ou pouco caso em relação à pessoa ou coisa.

possível observar “o processo de valorização e desvalorização, de acordo com a localidade das respectivas moradias”.

O que cerca este pensamento comum é a ideia de que a periferia não pode sonhar. Não pode criar um campo de desejo que a mobilize, que a estimule a sair de onde está para ver o que a cerca. Mas se a periferia não pode sonhar ficamos com uma questão: o que pode um corpo negro? Este corpo - que sabemos ser maioria nas periferias - “pode ele ser doutor? Médico, advogado, juiz, fisioterapeuta, bailarino, atleta, cientista, poeta, estudante ou o que ele quiser?” (PEREIRA, et al. 2022, p. 3).

Em 20 de novembro de 2020 aconteceu o lançamento do projeto Proteja Os Seus Sonhos - POSS - projeto colaborativo entre a plataforma de cultura negra AUR, o produtor Theo Zagrae, o laboratório musical MangoLab e a Som Livre. A obra multiplataforma é composta por um álbum com nove músicas e um curta-metragem dividido em três atos. A proposta evidencia a relação da população negra com o ato de sonhar. A abertura do primeiro ato do curta-metragem é narrada por Conceição Evaristo:

Sonhos nem sempre são românticos, mas proteja os seus sonhos como matéria prima de suas vidas [...] sonhe olhando para o futuro, mas faça do hoje o tempo do sonho acontecer [...] façam dos sonhos raízes plenas e tentáculos [...] coletivamente afirme que os dias de bonanças são possíveis, apesar de tudo (AUR, 2020).

A obra funde muitas referências que representam a vivência dos jovens negros. Um dos panos de fundo é a cena de um carro com cinco jovens negros que se dirigem para ir buscar o Grammy. Apesar da incredulidade do jovem que assume a condução do volante, os demais seguem um diálogo afirmando que até alugaram ternos e que vislumbram estar com cantores famosos do cenário do Hip Hop internacional como Alicia Keys e Jay Z.

A cena me trouxe à memória a chacina de Costa Barros, em 2015, quando um carro com cinco jovens entre 16 e 25 anos foi alvejado com 111 tiros. Foram 63 perfurações de fuzis que atravessaram a lataria do carro. Na ocasião eu acabara de celebrar mais um aniversário e carregava no ventre minha filha,

ironicamente uma vida preta estava prestes a soprar neste mundo quando outras cinco foram ceifadas pelas mãos do Estado. Os cinco meninos estavam indo comprar lanche em comemoração pelo primeiro salário de um deles como ajudante em um mercado, Roberto Souza Penha, de 16 anos (BRASIL DE FATO, 2016).

Em uma realidade na qual corpos pretos são a maioria dos corpos mortos pelo Estado, sonhar é privilégio. Em janeiro de 2018, Anara sonhou emigrar para Paris (França) na condição de estudante universitária. Essa ideia fixa fez com que ela, por meses, buscasse entrevistas com famílias para embarcar como *Au Pair*: um programa de intercâmbio internacional em que os jovens recebem moradia, alimentação e mesada de uma família local como contrapartida da ajuda nos cuidados das crianças e tarefas domésticas a elas relacionadas (AUPAIR.COM).

Em junho do mesmo ano, ela parte do Vale do Ipê e desembarca como babá em Paris. Em 2019 recebe a carta de aceite para cursar História da Arte na Sorbonne. Em 2023 ela finalizará o último semestre no curso do lugar que ela se atreveu a sonhar.

NOSSO LUGAR NO MUNDO

*O meu lugar é caminho de Ogum e Iansã
Lá tem samba até de manhã
Uma ginga em cada andar*

*O meu lugar
É cercado de luta e suor
Esperança num mundo melhor
E cerveja pra comemorar
(CRUZ, 2007)*

A relação do sujeito com o território que vive ou que nasceu é um marcador de identidade e nesse sentido podemos destacar a antiga prática da segregação geográfica, possível de observar nas distinções entre regiões nordeste e sudeste, bairros e favelas, zonas sul e norte, meio urbano e meio rural, principalmente no que tange à captação de investimentos públicos:

Ao mesmo tempo em que a lei alinhavou os territórios da riqueza, delimitou também aqueles onde deveria se instalar a pobreza [...] Diga-se de passagem que a lógica de destinar as lonjuras para os pobres, assim como a de proteger os bairros exclusivos dos ricos, atravessou, incólume, nosso século (ROLNIK apud DUARTE, 2013, p. 63)

Tal prática de segregação pode limitar potencialidades individuais ao restringir simbólica e materialmente pessoas periféricas, construindo um lugar de faltas que impele (sobretudo jovens negros) a migrar em busca de acesso a melhores condições de manutenção da vida e desenvolvimento pessoal, como nos aponta bell hooks ao teorizar a respeito da própria experiência na migração do campo para a cidade. Ela discorre:

Quando saí do Kentucky, há mais de trinta anos, me senti no exílio, como se tivesse sido forçada a deixar a paisagem da minha origem, na minha terra natal, porque ali meu desenvolvimento - a realização completa do meu potencial - não era permitido (hooks, 2022, p. 272-273).

A autora vincula a ideia de pertencimento a um lugar - qualquer lugar - a uma dimensão de cura, nos provocando a refletir sobre o que significa pertencer a algum lugar no mundo. De forma intimista, ela compartilha suas memórias de infância no lugar em que nasceu (as colinas do Kentucky), sua mudança para a área urbana e seu retorno ao lugar de origem.

Sua escrita, sensível e crítica, joga luz ao fato da população negra enfrentar as mesmas dores em relação ao território, mesmo em espaços geográficos distintos. Nesse sentido, embora se trate do contexto estadunidense, vemos que a análise é similar quando ela denuncia uma política territorial segregacionista relacionando raça e propriedade imobiliária em que “a habitação é uma arena onde a discriminação racial continua sendo a norma” e nos revela “como o racismo molda a geografia suburbana” (p.121).

Dessa forma, é oportuno trazer à memória o processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro que tinha como objetivo “atender a elite oligárquica local que estava procurando ocupar os espaços urbanos” (SILVA, 2018, p. 4).

Silva (2018) destaca que a reforma de modernização da cidade ficou a cargo de Pereira Passos, prefeito do Rio de Janeiro entre 1902 e 1906, que iniciou ‘realocando’ a população de “negros e pobres” (p.5), que até então ocupava o centro urbano, para dar espaço para a nova freguesia oligárquica, expondo o que chamamos: “binômio centro-periferia, no qual os grupos sociais são separados por grandes distâncias, com os ricos ficando nos bairros centrais, com boa infraestrutura e a periferia delegada aos pobres” (DUARTE, 2013, p. 62).

Lefebvre (1991 *apud* DUARTE, 2013, p. 67) destaca a segregação urbana enquanto um fenômeno social e espacial:

Social por ter raízes e formas na organização da própria sociedade e nas relações sociais que os indivíduos estabelecem entre si e na reprodução das condições materiais e subjetivas de existência; e espacial porque essas relações se estabelecem em um território desigualmente ocupado, diferencialmente simbólico e socialmente produzido.

Uma das quatro dimensões básicas que o autor leva em consideração para analisar os sistemas de segregação urbana trata do grau de satisfação das necessidades materiais e espirituais dos grupos segregados (LEFEBVRE 1991 *apud* DUARTE, 2013), o que nos leva a questionar a relação entre a configuração da distribuição socioespacial com a possibilidade da população periférica de criar e manter aspirações. Para tanto, é necessário aprofundarmos o entendimento do conceito de território e de periferia.

O conceito de território é descrito por Raffestin (*apud* DUARTE, 2013, p. 68) como “um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder”. O autor salienta o território com ênfase político-administrativa, indicando que o espaço é fruto das relações de poder exercidas pelas pessoas ou grupos sem o qual não se define o território (DUARTE, 2013).

Haesbaert (1997) destaca o conceito de território em três abordagens: jurídico-administrativa, cultural e econômica, nos interessando evidenciar a

abordagem cultural em que o autor defende “o território como dimensão simbólica e subjetiva, do imaginário e identidade social” (apud DUARTE, p. 68).

Embora pesquisas recentes tenham tratado de desmitificar um olhar pejorativo que atrela as periferias apenas aos bolsões de pobreza acentuando as manifestações culturais de resistência e protagonismo das mesmas, a lógica da divisão do território persiste em delegar a periferia aos pobres usurpando-lhes o direito ao exercício pleno de cidadania. Mas o que caracteriza esse espaço? Maricato nos diz:

À dificuldade de acesso aos serviços e infraestrutura urbanos (transporte precário, saneamento deficiente, drenagem inexistente, dificuldade de abastecimento, difícil acesso aos serviços de saúde, educação e creches, maior exposição à ocorrência de enchentes e desmoronamentos etc.) somam-se menos oportunidades de emprego (particularmente do emprego formal), menos oportunidades de profissionalização, maior exposição à violência (marginal ou policial), discriminação racial, discriminação contra mulheres e crianças, difícil acesso à justiça oficial, difícil acesso ao lazer. A lista é interminável (MARICATO, 2001, p. 152).

Como destacado pelos autores acima, nos cabe fazer uma associação entre a relação de poder e identidade construídos na perspectiva do espaço socialmente ocupado pelos atores que ocupam a cidade. Fica, portanto, nítido que a distribuição socioespacial configurada no binômio centro-periferia, ao tirar o direito do exercício pleno de cidadania da população periférica restringindo o acesso aos serviços públicos mínimos e a uma vida com urbanidade, torna incompatível o direito das pessoas afastadas dos centros urbanos projetar, nutrir e proteger aspirações que difiram da necessidade imediata de alimentação ou da preservação da própria vida.

O QUE HÁ NO VALE DO IPÊ QUE NÃO CABE NOS BANCOS DA SORBONNE?

*Periferias, vielas, cortiços,
Você deve tá pensando:
O que você tem a ver com isso?*

Escrevendo minha relação com o território

Durante minha trajetória neste lugar, não possuía repertório para nomear muitos dos incômodos que atravessaram as recordações que me fincam àquele chão, embora tais incômodos tenham forjado e moldado certa inquietude em minhas observações.

Por muito tempo, ansiei chegar à escola de manhã sem precisar esconder os sapatos sujos de lama, nos dias chuvosos. Eu e minha família criávamos estratégias para chegarmos aos lugares com os calçados limpos: caminhávamos para tomar o ônibus com chinelos, para guardá-los em uma sacola plástica, e só então calçar os sapatos limpos ou usávamos um lenço para limpar a lama.

Lembro-me da recorrente perda de sapatos. Não fosse a chuva que trazia a lama, era a poeira de barro vermelho que desbotava os calçados que perdiam o aspecto de novos em pouco tempo. Sapatos brancos eram um privilégio! Guardo a memória de sentar na calçada, criança, e esperar por máquinas que trouxessem o asfalto. Ainda estou sentada na calçada aguardando.

Por muitos anos dizia que morava em Duque de Caxias, centro metropolitano da Baixada Fluminense, para omitir minha residência em Belford Roxo. Recordo de certa vez em que ia repetir para alguém - o que era tanto um desejo quanto um deslocamento de pertencimento ao lugar - e o pai de minha filha me interpelou, anunciando meu verdadeiro lugar de origem.

Com dezesseis anos deixei o Vale do Ipê e me aventurei em expandir meu repertório geográfico. Fixei residência no Rio Comprido e passei a circular pelo Centro, Zona Norte e Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

Acompanhada do silêncio que se rasgava com a anúncio do lugar que me formou vinha, também, a vergonha e muitas vezes os risos alheios. Era comum que as pessoas não conhecessem o Vale do Ipê e, embora muitas delas fossem também de zonas periféricas e de compartilharem de alguns dos meus

incômodos, por serem de periferias da cidade do Rio de Janeiro estavam em situação ‘melhor que a minha’ por estarem mais próximas do centro.

Ao frequentar espaços universitários, a militância por moradia para a população periférica nos centros urbanos começou a fazer sentido e tomar forma. Comecei a frequentar ocupações urbanas no centro e nesses locais me referia ao lugar de onde vim como ‘próximo de Caxias’. Sentia-me entre pares para tecer trocas sobre o incômodo com o alto preço da passagem e a distância para chegar à praia, ou sobre a ausência de espaços de cultura e lazer de qualidade no entorno do meu bairro.

Porém, apenas depois de me aproximar do grupo de estudos Tornar/Ser Negra e Negro, do Coletivo DENEGRIR⁴, meu repertório se alargou a ponto de nomear as inquietudes ligadas ao chão de onde eu vim e pude enfim verbalizar com aceitação que venho do Vale do Ipê, Belford Roxo, próximo do Pilar e do Lote XV, seguindo a perspectiva de bell hooks (2022, p. 24): “Ao refletir sobre o racismo que continua a se manifestar no contexto da propriedade, escrevo sobre segregação na política de habitação, sobre o zoneamento econômico racializado”.

Historiografia do processo de formação de Belford Roxo e de uma população de cor na Baixada Fluminense

Há 29 anos minha família reside no Vale do Ipê, na Baixada Fluminense, periferia urbana da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A Baixada Fluminense pode ser compreendida a partir da geografia física do Estado do Rio de Janeiro, correspondendo à região de planícies que se estendem entre o litoral e a Serra do Mar, ou ainda, de acordo com José Cláudio Souza Alves (1998), em relação à natureza política e econômica do território.

Segundo o autor, tal interpretação começa a ser apontada em pesquisas de planejamento urbano a partir da segunda metade dos anos 70 em

⁴ Coletivo de Estudantes Negros e Negras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ Maracanã.

decorrência da fusão entre o estado da Guanabara e do Rio de Janeiro tendo como análise central “diferentes temas como: investimentos públicos, localização residencial, renda familiar, urbanização, industrialização, migrações e distribuição populacional” (ALVES, 1998, p. 12).

Alves ainda destaca que, embora tenha sido elevada à categoria de Região Metropolitana, a Baixada Fluminense fica relativizada enquanto periferia por conta de sua debilidade de infraestrutura e abandono público em relação ao núcleo privilegiado formado pelo Centro e Zona Sul.

Ainda sob a perspectiva do binômio “núcleo-periferia” nos deparamos com o que Nielson Rosa Bezerra (2013) nomeia como “sertão próximo”, forma como a Baixada Fluminense era conhecida desde o século XVIII, a partir da compreensão de sertão enquanto lugar de problemas de difíceis soluções em relação à capital.

O autor revela a visibilidade da Baixada Fluminense na primeira metade do século XX sob o olhar de intelectuais e agentes públicos da capital federal (Rio de Janeiro) no sentido de utilizar o “sertão próximo” como um espaço de experiências científico-saneadoras e pedagógicas para serem replicadas em um “sertão mais distante”:

A proximidade com a capital federal permitiria que os intelectuais e cientistas envolvidos naqueles projetos pudessem viver suas experiências no sertão, sem necessariamente ter que se distanciar dos acontecimentos e das transformações que ocorriam no centro da política nacional. Além do mais, uma vez bem sucedido, esses projetos e experimentos ofereceriam um território distante o suficiente para “empurrar” a população indesejada, capaz de atrapalhar os planos de higienização social em curso desde os primeiros anos republicanos (BEZERRA, 2013, p. 211).

Esse conceito era, também, uma alusão à obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que desnudava os interiores do Brasil com a representação do atraso e da resistência à modernização e civilidade fora da capital federal em face à ideia de progresso, difundida na Europa e que chegava ao país. Era o contraste entre o litoral, reduto da civilização e das pessoas brancas, e o sertão, espaço povoado por uma população mestiça (SANTOS, 2008).

Nesse momento é de suma importância trazer o recorte racial que Bezerra (2011) aponta em seus estudos sobre a Baixada Fluminense destacando a população negra e parda desse território. O autor revela o impacto do tráfico de africanos, além do enraizamento social da população de cor que se manteve na região na transição do tempo da escravidão para a liberdade, no processo de formação da população da Baixada, situações que reverberam até hoje constituindo “uma região que tem quase cinco milhões de habitantes, cuja significativa maioria é formada por negros e pardos, segundo as últimas estatísticas censitárias” (BEZERRA, 2011, p. 187).

Ele enfatiza sua insistência na expressão “população de cor” ao invés da expressão “população negra” como forma de denunciar a ausência da designação de cor nos documentos do período de Pós-Abolição, invisibilizando o que denomina como a “Cor da Baixada”, cujo título do presente texto toma como referência.

Tendo-se destacado o recorte racial da população da Baixada, torna-se necessário discorrer sobre o município de Belford Roxo, cenário das minhas experiências e observações que se transformaram na problematização apresentada.

Belford Roxo é um município caracterizado desde sempre como uma cidade dormitório, com baixos índices de desenvolvimento socioeconômico. Entre os problemas que comprometem o cotidiano de quem reside ou trabalha no município podemos destacar os altos índices de violência, saneamento básico precário, enchentes frequentes e que comprometem o fluxo do tráfego. Os rios, que já significaram sinônimo de prosperidade do município, hoje se encontram degradados por ausência de um sistema de esgoto eficaz (ALMEIDA, 2018).

Esses problemas remontam à ocupação deste território que tem início na instalação do Engenho do Camalhaço ou Engenho do Brejo. Com a crise da citricultura, o entorno dessas áreas rurais foi desmembrado e loteado, o que trouxe a urbanização para esta região e conseqüentemente um intenso processo de ocupação e crescimento populacional precário, o que levou a população de Belford Roxo, que a esta época ainda era distrito de Nova Iguaçu, a se sentir

abandonada pela prefeitura. A insatisfação ganhou força com a instalação do Complexo Industrial da Bayer, em 1956, a partir da ideia de que a prefeitura de Nova Iguaçu muito arrecadava e pouco fazia pelo distrito (ALMEIDA, 2018).

O processo de emancipação de Belford Roxo também nos indica uma forte ligação com os problemas que permanecem enraizados no território, como a prática do clientelismo pelas lideranças locais. Jorge Julio dos Santos, o Joca, era a liderança que mais tinha adesão popular em parte pela sua trajetória de vida. Joca venceu a pobreza, mesmo sendo filho de migrantes pobres: “trabalhando de baleiro, carroceiro, motorista até virar um pequeno empresário bem sucedido, Joca tinha a cara do povo de Belford Roxo” (SIMÕES, 2016, p. 167 apud ALMEIDA, 2018, p. 21).

Apesar das acusações de enriquecimento ilícito e ligação com grupos de extermínio, Joca mantinha a admiração do povo e foi peça fundamental no processo de emancipação de Belford Roxo junto à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, a ALERJ. De vereador de Nova Iguaçu se tornou o primeiro prefeito eleito do município de Belford Roxo em 1992. Com o slogan “Governando com Amor” buscou construir uma identidade territorial para a região, fazendo assim, associação com um novo tempo.

Ele tinha, além das empresas locais, também o apoio do legislativo, formado exclusivamente pelas lideranças do território que se transformaram em clientes políticos de Joca. A prática de dividir o município em áreas de atuação em que cada vereador recebia escolas, postos de saúde e ambulâncias para usar nos bairros responsáveis pela respectiva eleição (MONTEIRO, 2001 apud ALMEIDA, 2018) permanece ainda nos dias atuais.

Apesar da inegável participação de Joca no processo de emancipação de Belford Roxo e na construção da identidade do novo município, há de questionar o quanto as medidas adotadas foram efetivas para a construção de uma sociedade igualitária, que não dependesse do poder público e das lideranças locais para coexistir e o quanto contribuíram para a manutenção do ciclo vicioso da pobreza (ALMEIDA, 2018, p. 23).

Ele foi assassinado com 11 tiros dois anos e meio após a sua posse e teve um governo “marcado pelo clientelismo e pela presença de matadores de aluguel, que passaram a desfrutar da simpatia dos moradores dos bairros periféricos” (ANSELMO, 2008 apud ALMEIDA, 2018, p. 23). As sucessões eleitorais permaneceram com traços caritativos e clientelistas, com a concessão de favores em troca de votos e uma forte cultura coronelista (ALMEIDA, 2018).

Ainda hoje, o crescimento populacional faz com que a cidade se veja diante da incapacidade de gerar empregos ou oferecer o pleno uso dos serviços de saúde, lazer e educação, levando sua população a buscar tais serviços em outra localidade, voltando para sua residência apenas para dormir: o conceito estereotipado de cidade dormitório (PINTO, 2009 apud ALMEIDA, 2018). A designação de Belford Roxo enquanto cidade dormitório nos leva a constatar que o corpo pobre e de cor (negro e pardo) só interessa à circulação nas metrópoles na condição de servir as classes privilegiadas:

Uma análise da natureza dos deslocamentos de Belford Roxo permite perceber que os fluxos mais importantes são para trabalho, o que pode refletir uma desigual distribuição dos serviços entre os municípios da concentração urbana, especialmente na Baixada Fluminense (ALMEIDA, 2018, p. 58).

Considerada a realidade local, dizer que somos do Vale do Ipê significa então, a partir da perspectiva que Haesbaert nos trouxe anteriormente, que tanto materialmente quanto simbólica e subjetivamente não nos é permitido sonhar nos graduar na Sorbonne (que ocupa um pequeno espaço físico na cidade de Paris na França, mas que daqui reconhecemos sua importância).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação para esta escrita teve como fio condutor as inquietações que partiram da minha relação com o território. A distribuição socioespacial no Rio de Janeiro marcou muitas das minhas vivências: a primeira escola no

município vizinho, Duque de Caxias, aos 14 anos, que me tiraria da circunferência do Vale do Ipê e a primeira visita à Caixa Cultural, aos 16 anos, que me faria descobrir um caminho para os equipamentos de cultura no centro foram ponto de partida para a percepção de que Belford Roxo era constituído de faltas que me levariam a acessar outros territórios.

Essa relação com a busca constante por educação de qualidade, melhores opções de trabalho e bons equipamentos de saúde, cultura e lazer atravessou minha saída da adolescência e entrada na vida adulta, me formando e me constituindo. Embora tenha pautado a narrativa de minha irmã, o exercício desta escrita pauta também a minha vida, as minhas percepções e vivências nas diversas migrações que fiz entre o “sertão próximo” e o litoral: Vale do Ipê, Wona, Rio Comprido, Vila Isabel, Providência, Vaz Lobo, Campo Grande e Cosme Velho foram os lugares pelos quais migrei buscando um lar.

Esta escrita foi marcada por muitos momentos de pausa para que as lágrimas pudessem transbordar. Afinal, não trata dos tantos momentos felizes, das amizades construídas e que ainda perduram, das memórias do caminho casa-escola, das subidas nas árvores frutíferas do quintal de meus pais ou das brincadeiras de rua, mas do processo que destinou a mim e meus pares à lonjura e descaso público.

Foi possível perceber que os problemas sociais enfrentados pela população da Baixada Fluminense decorrem, sobretudo, em razão de sua cor. O projeto do litoral/capital formado por uma elite branca e intelectual designou que à população pobre e de cor cabe a distância e a lonjura. Ainda que a precariedade desse “sertão próximo” represente o atraso de nosso país, pouco se tem avançado em políticas públicas para reverter tal situação.

Espera-se que o trabalho aqui desenvolvido possa contribuir para compreendermos a necessidade de repensar a lógica do planejamento urbano e da distribuição socioespacial que destina privilégio às elites e uma infinidade de faltas aos trabalhadores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alessandra Aparecida. *Belford Roxo: Perspectivas e limites do desenvolvimento econômico de uma periferia metropolitana*. 136 f. Dissertação, Administração. (Mestrado Profissional em Administração), Universidade Federal Fluminense, Volta Redonda, 2018. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/9405/Dissertacao%20Alessandra%20Aparecida%20de%20Almeida.pdf?sequence=1&isAllowed=y#:~:text=Belford%20Roxo%20%C3%A9%20um%20jovem,baixos%20%C3%ADndices%20de%20desenvolvimento%20socioecon%C3%B4mico>. Acesso em: 13 jan. 2023.

ALVES, José Cláudio Souza. *Baixada Fluminense: A violência na construção do poder*. 196 p. Tese, Sociologia. (Doutorado em Sociologia), Universidade de São Paulo. Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-20122022-110956/publico/1998_JoseClaudioSousaAlves.pdf. Acesso em: 23 jan. 2023.

AUR,. Proteja Os Seus Sonhos | Respira que o Grammy é teu - 1º ato. Youtube, 20 nov. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e-cG5mmwOP4>. Acesso em: 22 jan. 2023.

BEZERRA, Nielson Rosa. *A cor da Baixada: Escravidão, Liberdade e Pós-Abolição no Recôncavo da Guanabara*. Duque de Caxias, RJ: APPH-CLIO, 2012. Disponível em: <http://amigosinstitutohistoricodc.com.br/wp-content/uploads/2020/08/A-Cor-da-Baixada.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2023.

BEZERRA, Nielson Rosa. Escravidão, liberdade e pós abolição no sertão próximo do Rio de Janeiro. *Outros Tempos*, Maranhão, vol. 10, n. 15, p. 207-224, mar-mai/2013. Disponível em: <file:///C:/Users/sarah/Downloads/admin,+262-839-1-CE.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2023.

CRUZ, Arlindo. Meu lugar. Rio de Janeiro: DeckDisk, 2007. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/arlindo-cruz/1131702/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

DEFINIÇÃO de au pair - quem é uma au pair?. *Aupair.com*. Disponível em: <https://www.aupair.com/pt/p-au-pair-significado.php>. Acesso em: 23 jan. 2023

DUARTE, Diego Elias Santana. Territorialidades Alteradas: Movimento Periférico como forma de Transformações Territoriais. *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, n.35, Volume Especial, p. 58-73, mar-mai/2013. Disponível em:

<https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/2104/2594>. Acesso em: 17 jan. 2023.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.) *Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/DA-GRAFIA-DESENHO-DE-MINHA-M%C3%83E-UM-DOS-LUGARES-DE-NASCIMENTO-DE-MINHA-ESCRITA-%E2%80%93-Revista-Z-Cultural.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Na Ponta do Lápis, ano XII, nº 27, p. 22-25, 2016.

EVARISTO, Conceição. Os Sonhos. In: QUILOMBOHOJE (org.) *Cadernos Negros 13: poesia*. São Paulo, 1990, p. 29-36. Disponível em: <https://www.quilombhoje.com.br/site/poema-1/>. Acesso em: 12 jan. 2023.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Dissertação. Letras, (Mestrado em Literatura Brasileira), Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1996.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas S.A, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 22 jan. 2023.

hooks, bell. *Pertencimento: uma cultura do lugar*. Tradução de Renata Balbino. 1ª ed. São Paulo: Elefante, 2022.

MARICATO, Ermínia. MetrÓpole, legislação e desigualdade. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 48, p. 151-166, ago/2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/LJf4kyjgfBw9PyLxBxbNRbf/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 27 jan. 2023.

MINAYO; Maria Cecília de Souza (org); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2023.

PEREIRA, Paula Bertoluci Alves; MENDES, Valéria Monteiro; GERMANO, Josiane Moreira; RODRIGUES, André; FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz. O que podem corpos negros? Navegando pelas existências que habitam narrativas-rizoma-visceral. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, 2022, 26: e210196. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/PxLrVzCKzf4qcTDRYYG5pnR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 jan. 2023.

QUEIROZ, Veronica Santana. Quando se fecha os olhos e vê: por uma metodologia afetiva. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 507-516, jul-set/2022. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3299/2531>. Acesso em: 20 jan. 2023.

RACIONAIS. Nego Drama. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/63398/>. Acesso: em 25 jan. 2023.

REMENCHE, MARIA DE LOURDES ROSSI; SIPPEL, JULIANO. A escrevivência de Conceição Evaristo como reconstrução do tecido da memória brasileira. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*. 20(2), 2019, p. 36-51 jul 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/sarah/Downloads/scamplo,+23381-Texto+do+artigo-52994-1-11-20190704.pdf>. Acesso em: 15 maio 2023.

RODA VIVA. Conceição Evaristo explica o conceito de “escrevivência” e relação com mitos afro-brasileiros. YouTube, 7 set. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=J-wfZGMV79A&ab_channel=RodaViva. Acesso em: 10 mai. 2023.

SANTOS, Júlio Cesar Paixão. Cuidando do corpo e do espírito num sertão próximo: a experiência e o exemplo da Escola Regional de Meriti (1921-1932). 230 f. Dissertação, História das Ciências da Saúde. (Mestrado em História das Ciências da Saúde), Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/3991/000031.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 23 jan. 2023.

SILVA, Samara Santana. Os cortiços e a cidade do Rio de Janeiro durante seu processo de modernização na virada para o século XX. In: IX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 2018, Bahia. Disponível em: http://www.encontro2018.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1535059482_A_RQUIVO_Corticofinalanpuh.pdf. Acesso em: 16 jan. 2023.

SONHAR. In: Dicionário online Priberam da Língua Portuguesa, 12 jan. 2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/sonhar>. Acesso em 12 jan. 2023.

SONHO. In: Dicionário online Priberam da Língua Portuguesa, 12 jan. 2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/sonho>. Acesso em: 12 jan. 2023.

VILLELA, Flávia; LISBOA, Vinícius. Chacina de jovens em subúrbio do Rio faz um ano e PMs ainda não foram julgados. *Agência Brasil de Fato*. Rio de

Janeiro, 2016. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2016/11/28/chacina-de-jovens-em-suburbio-do-rio-faz-um-ano-e-pms-ainda-nao-foram-julgados>. Acesso em: 22 jan. 2023.

Recebido em: 08/02/2023

Aprovado em: 26/05/2023

Publicado em: 26/07/2023